



Identidade e diferença em *O planalto e a estepe* de Pepetela

Identity and difference in O planalto e a estepe by Pepetela

CONCEIÇÃO PEREIRA

Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal



Resumo: *O planalto e a estepe*, de Pepetela, centrado em Júlio Pereira, um angolano branco e de olhos azuis, pode ser descrito como uma história de amor, de um amor difícil, que o é, fundamentalmente, por questões de racismo e que acaba por ter uma resolução quando já nem Júlio nem Sarangerel esperavam que a sua vida pudesse mudar. A narrativa, que nos conta a vida de Júlio desde a primeira infância até quase à sua morte, revela-se, também, um romance de aprendizagem na primeira pessoa, que mostra o modo como o protagonista aprende a viver com a sua aparência exterior que, perante os outros, é geradora de equívocos, mas que nunca afeta a sua. Na verdade, Júlio permanece fiel a si próprio, à sua terra e ao amor por Sarangerel numa estória cujo pano de fundo é também, a história de Angola, desde o período colonial até finais do século XX.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Pertença; História; Amor

Abstract: *O planalto e a estepe*, by Pepetela, centred in Júlio Pereira, a blue-eyed white Angolan, can be described as a love story, which tells about a love made difficult mainly due to racist issues, and ends up by solving itself when neither Júlio nor Sarangerel expected a shift in their lives. The narrative, that tells Júlio's life since his first childhood until close to his death, seems also to be a bildungsroman told in the first person, that shows the way the protagonist learns to live with an outer appearance generator of misunderstandings that never affects the protagonist himself. In fact, Júlio will always be faithful to himself, to his homeland and to his love for Sarangerel in a story whose background is the history of Angola as well, since the colonial times until near the end of the twentieth century.

Keywords: Identity; Otherness; Belonging; History; Love

Júlio, protagonista de *O planalto e a estepe* de Pepetela, é quase sempre visto como outro, como alguém que deveria ser diferente, que deveria ser e viver de acordo com o seu aspeto exterior. Africano branco de olhos azuis, é visto pelos pares como um branco “amigo dos pretos” (PEPETELA, 2009: 23). Será sempre visto, pela maior parte dos outros, como diferente, nos vários contextos geográficos, sociais e políticos por que vai passando. Sujeito a mudança(s), interiormente, a personagem permanecerá, no entanto, fiel aos seus valores, à sua pertença, sendo este traço a marca dominante do seu carácter.

Júlio viaja e afasta-se do seu espaço de afeto e de referência, o “Planalto a partir da Chela” (PEPETELA, 2009: 190), na Huíla, Sul de Angola, mas nunca deixa de ter aí raízes bem fundas. A alma, eventualmente, poderá também estar na Mongólia, onde só foi uma vez e onde vive a filha que só vem a conhecer já adulta, e que talvez tenha visto uma única vez de costas quando criança. A

Mongólia, espaço distante e impenetrável, é igualmente o espaço habitado por Sarangerel, o único amor da sua vida e mãe da sua única filha. Viagem e amor são, aliás, os dois eixos da vida narrada pelo protagonista, informação dada aos leitores nas frases de abertura do romance:

A minha vida se resume a uma larga e sinuosa curva para o amor.

Começando por um caminho longo até Moscovo. Não vos contarei os detalhes dessa viagem. Houve outras, também importantes, houve mesmo muitas viagens. Mas essa primeira viagem em arco amplo e súbitos desvios demorou mais, começou na Huíla, Sul de Angola, quando fui parido (PEPETELA, 2009: 11).

Ao longo da narrativa, vamos acompanhando o percurso de Júlio que se conta na primeira pessoa, recuperando o olhar ingénuo da infância e as perplexidades de quem não consegue perceber a estrutura da sociedade colonial que separa pessoas de cores diferentes e não lhes

dá as mesmas oportunidades, quando ele apenas sabe que a pele é toda igual, porque é quente. A este princípio, como a todos os que são seus, permanece fiel, ao longo do tempo, durante toda a vida.

Vida de Júlio que terá sido uma vida vivida por alguém, pois o autor deixa o aviso, numa nota prévia à estória, de que “A estória aconteceu” (PEPETELA, 2009, p. 7), embora lembre que todas as personagens são ficcionais, mesmo as que possam ser semelhantes a alguém que tenha existido. Dedicada a Suren, e em memória do Piricas, que se adivinham protagonistas de uma história tornada estória de Sarangerel e Júlio/Canivete. A dedicatória pressuporá uma ligação pessoal ou, pelo menos, um conhecimento dessa história, pois Pepetela escreve sobre o que conhece, mesmo que tudo o que escreva seja ficção.¹

E escreve sobre Angola, se bem que nem sempre o faça de um modo ostensivo, mesmo contando, na primeira pessoa, as memórias de alguém e cujo fio condutor é, ou parece ser, uma história de amor. A propósito de *Quase fim do mundo*, livro que publicou imediatamente antes de *O planalto e a estepe*, diz-nos Pepetela que:

Acho que já cumpri uma parte daquilo a que me propus, ajudar a criação dessa nação, dessa identidade. Por outro lado, nunca é demais. Há sempre necessidade de tratar dos assuntos de Angola, só que quis dar um tempo de repouso, fazer qualquer coisa diferente, para depois, certamente, voltar a Angola. De qualquer maneira, neste livro haverá uma ou outra alusão a algumas experiências mais angolanas. Pode ser que no próximo já volte a Angola (PEPETELA, 2008, p. 43).

Há, sem dúvida, um programa, ou pelo menos uma intenção de participar em algo maior e necessário, que é a criação da identidade angolana. Mas o eixo da narrativa de Júlio é a personagem ela mesma, naturalmente enquanto membro de uma nação que se foi construindo e cuja narrativa está também presente no percurso que vai do tempo colonial até ao século XX, já no período de paz pós guerra civil.²

¹ Relativamente a este aspeto, Inocência Mata (2009) refere, em entrevista, falando sobre memória individual e coletiva “A memória individual é fundamental. Uma vez ouvi de um escritor que só escreve sobre o que conhece. Porque o escritor que tenta escrever sobre o que não conhece... Normalmente dá errado. Quem me disse isso foi Pepetela. O que ele conhece está na sua memória individual e ele pode, é verdade, verificar, pode computar como memória coletiva, mas é a sua memória individual. É ela é tão legítima!” (MATA, 2009).

² Os romances de Pepetela ficcionalmente ancorados na realidade histórica, foram a base de uma tese em sociologia recentemente apresentada à Universidade de Lisboa, afirmando a sua autora que “O interesse de estudar, na sua faceta mais relacionada com o pensamento político, os romances de Pepetela, justifica-se por eles continuarem, ainda hoje, a produzir sentidos, constituindo importantes meios de construção do imaginário coletivo da nação angolana. [...] O que está então em questão no trabalho que se pretende desenvolver é nada menos que o processo de formação do Estado-nação, que é na literatura objeto de reconstituição ficcional” (SANTOS, 2011, p. 32).

O tempo é um *continuum* e a narrativa da vida de Júlio segue esse movimento contínuo sem marcar de um modo ostensivo o tempo histórico, embora ele esteja lá. Por outras palavras, a estória do protagonista é marcada pelo(s) tempo(s) em que vive, mas sem cisões, sem que, por exemplo, esteja marcada, no modo como Júlio age e se relaciona com os outros, uma distinção entre tempo colonial e pós independência ou entre guerra civil e o pós guerra civil. Claro que o percurso do protagonista reflete a História de Angola, mas o fio condutor da narrativa assimila naturalmente as ocorrências históricas, criando uma imagem do protagonista que permanece inalterada pelas circunstâncias, não importa quais foram ou pudessem ter sido.

E, no entanto, as marcas da História tornam-se presentes, exatamente porque ocorrem de um modo discreto, quase como se decorressem da vida de Júlio, e não o contrário. Marcelo José Caetano (2007) sugere que:

O texto literário, paradoxalmente, amplia as conceções de história e realidade conferindo-lhes novos sentidos, não se prendendo exclusivamente ao que oficialmente se diz sobre os fatos e sobre os homens, vislumbrando mais do que aquilo que se vê. A ficção desprende-se do factual para, assim, poder dialogar com ele (CAETANO, 2007, p. 6).

Este diálogo entre o ficcional e o factual, sendo o factual determinante, marca uma presença de um modo talvez mais evidente noutros romances de Pepetela, mas em *O planalto e a estepe* surge igualmente através da perspetiva subjetiva de quem se conta na primeira pessoa e que vai comentando os factos que vive e observa, num diálogo que, por vezes, inclui o próprio leitor. A subjetividade (do autor e do narrador) não implica, no entanto, a não validade da leitura que é feita da História, pois “não apenas o historiador, mas também o ficcionista (romancista, novelista ou contista) têm a tarefa de olhar o passado como ‘tempo informe’ que carece de ordenação e de sentido” (MATA, 2003, p. 159). Ou seja, ambos os discursos, tanto o que é supostamente mais objetivo como o mais subjetivo, são válidos na recomposição do tempo histórico e na apresentação de uma perspetiva sobre esse mesmo tempo.

Sem dúvida que é a situação de Angola, colónia portuguesa, que leva Júlio para Marrocos e depois para a Rússia, espaço que deixaria a marca mais profunda na sua vida, e é igualmente a mudança trazida pelo tempo que torna possível que Júlio e Sarangerel fiquem juntos, depois de uma separação demasiado longa. Sarangerel, que tinha sido impotente para enfrentar a família e decidir o rumo da sua vida, vem a ser capaz de recuperar a sua força de “senhora da estepe que não admite queixas

nem gemidos” (PEPETELA, 2009, p. 177). E é preciso também não esquecer que são as relações estreitas entre Angola e Cuba que permitem a visita à ilha e o reencontro com a Estepe.

A multiplicidade de espaços que atravessa *O planalto e a estepe*, e que leva Luiz Veiga (2009) a caracterizá-lo como romance geográfico, decorre do percurso do protagonista do romance que, começando na Huíla, Sul de Angola, onde nasceu, vai passar por outros espaços dentro e fora de Angola, dentro e fora de África. Mas a Huíla, o seu planalto junto à Serra da Chela, é o espaço de regresso e de identificação com o qual vai comparando, por contraste, os outros lugares onde a vida o leva.

O Planalto do título é, assim, o seu espaço de referência, com o qual se identifica sempre, mesmo quando está longe, afirmando no epílogo:

Prefiro o Planalto, a partir da Chela, as rochas de muitas cores, as falésias e suas cascatas, o verde dos prados, o campo das estátuas, o milho ondulando, as árvores retorcidas pelo vento. E pairar sobre a gigantesca fenda da Tundavala, fenda que aponta o deserto. E o mar. E aponta o Sul, o grande Sul. O Sul da minha vida (PEPETELA, 2009, p. 190).

De acordo com Stuart Hall (2001), “o ‘lugar’ é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.” (HALL, 2001, p. 72) e “o Planalto, a partir da Chela” (PEPETELA, 2009, p. 190) é esse lugar específico de identificação para Júlio, onde pertence sempre, porque “os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes” (PEPETELA, 2009, p. 190).

A Estepe, ligada ao Planalto no título, sendo colocada ao mesmo nível pela ligação entre ambos os espaços através da conjunção coordenativa copulativa “e”, é a Estepe mongol, mas que não passa quase de um espaço imaginado ou sonhado, onde vivem Sarangerel e Altan e por onde Júlio passa brevemente, com um passaporte argelino, e onde lhe é permitido ver a filha, mas apenas de costas. Do país, entre o hotel e o carro, apenas comenta que é seco e frio e refere um prato, o *hushuur*, que Sarangerel costumava cozinhar para ele em Moscovo.

Entre o Planalto e a Estepe, e depois da longa viagem de barco entre Angola e Portugal, vai passar por Coimbra, onde frequenta o primeiro ano de Medicina para logo perceber que não era essa a sua vocação, e passa aí o tempo, num ambiente politizado, lendo Fanon, Marx e Sartre, até que em 1961 começa a guerra em Angola e Júlio aceita o desafio de “um mais velho de Benguela” (PEPETELA, 2009, p. 31) e parte para Marrocos. O “rapaz do interior e do Planalto” (PEPETELA, 2009, p. 29) estava de novo em África” (PEPETELA, 2009, p. 33). E

por saber que reencontrava o território africano foi como um regresso a casa, a um lugar familiar e não “outro”, como Portugal, e era possível o reconhecimento do seu espaço próprio:

África surgiu nessa madrugada na forma de um morro encimado por uma nuvem branca. [...] Era tudo imaginação, mas no barco sentíamos os cheiros familiares e eu até ouvia o mugir dos meus bois. Cada um reconhece a sua África, aquela era a minha, tinha de meter bois (PEPETELA, 2009, p. 33).

Vai depois para Moscovo, uma “cidade gelada, com neve por todo o lado” (PEPETELA, 2009, p. 35), onde conhece Sarangerel, para ir depois para o sul da Rússia, perto do Mar Negro, onde “o clima era melhor, quase temperado” (PEPETELA, 2009, p. 105). Desembarca, depois, na Argélia, num dia de “sol radioso num céu azul, prometendo tudo de bom para o mundo” (idem, p. 108) e questiona-se se o seu regresso a África será definitivo. Aí tem treino militar e é daí que parte rumo à Mongólia para tentar reunir-se com a Sarangerel e Altan, mas em vão.

Volta a Argel, passando por Moscovo e segue daí para Cabinda, onde também havia montanhas, mas não podia ser mais diferente do sul de Angola:

Cabinda era o mais norte que podia haver em Angola, não o meu Sul de rochas e montanhas. Cabinda também tinha montanhas, mas cobertas de mata densa e o chão dos caminhos era lama escorregadia escondendo raízes monstruosas e não pedras sobrepostas (PEPETELA, 2009, p. 121).

Mesmo fora do seu espaço de pertença, para Júlio este está sempre presente no modo como descreve os lugares por onde passa: o Sul de Angola é muitas vezes enunciado como “o meu sul” (PEPETELA, 2009, p. 134), enquanto as referências aos outros espaços surgem como espaços “outros”, sempre por comparação com o seu lugar de identidade. Em Cabinda evidencia-se a diferença entre o Norte e o Sul, as montanhas que não são as mesmas, o chão que é de lama e onde não há pedras, mas raízes.

Mas Mayombe, em Cabinda, torna-se, de algum modo, igual espaço de pertença, onde Júlio regressa, já depois de instalado em Luanda, para “respirar um pouco aqueles ares e rever os desenhos das sombras das folhagens das árvores descomunais” (PEPETELA, 2009, p. 146).

Depois da guerrilha na floresta de Mayombe, vai para sul, para a cidade natal e, depois, deixa o seu Sul e vai para Luanda. E é quando está em Luanda, já reformado do exército, onde, depois da guerra, trabalhou na logística,

que recebe um telefonema de Esmeralda, com quem tinha estado em Moscovo, que lhe conta ter-se cruzado com Sarangerel em Cuba. Acabará por conseguir ir a Cuba e Sarangerel, mais tarde, vai viver com ele para Luanda.

O Planalto e a Estepe do título, que indiciam uma união e, ao mesmo tempo, uma incompatibilidade reafirmada na questão de Jean-Michel “Já viste um cavalo mongol a dançar ao som do batuque africano?” (PEPETELA, 2009, p. 73), são, afinal, metonímia de Júlio e Sarangerel, lugares de pertença dos dois protagonistas de uma história de amor, que não é só uma história de amor, e se conta ao longo da narrativa. O título, enquanto metonímia de dois nomes próprios humanos, é, assim, em tudo equivalente a outros títulos de pares amorosos da história e das estórias, como Tristão e Isolda, Pedro e Inês ou Romeu e Julieta. Este último par é, além disso, usado como metáfora de Júlio e Sarangerel (cf. PEPETELA, 2009, p. 67).

Estória de amor espacializada no título que aponta, desde logo, as inconciliáveis diferenças geográficas, culturais e sociais e apresenta o contrassenso de um país socialista, “um país amigo” (idem, p. 99) que não permite que a filha de um ministro mongol possa casar com um angolano. País socialista, supostamente defendendo e praticando a igualdade, mas que estabelece a diferença nacional, social, cultural e mesmo racial, como um obstáculo intransponível, pois Sarangerel deveria casar com um seu igual, o que acabará por acontecer. Ao contrário dos pares amorosos clássicos referidos, o par formado por Planalto/Júlio e Estepe/Sarangerel acabará por conseguir ficar junto e ser feliz, embora por pouco tempo, pois Júlio acabaria por adoecer com cancro, detetado já numa fase muito avançada.

Provenientes de espaços muito diferentes, é em Itália, espaço neutro para ambos, que Júlio vai conhecer a filha e a restante família de Sarangerel. O encontro sobrepõe-se ao espaço que aparece na narrativa como mera localização geográfica, sem qualquer menção descritiva, tal como já acontecera com Cuba, local do reencontro entre o Planalto e a Estepe.

Assim como os espaços mudam também o tempo flui e evolui e traz mudanças e Júlio acompanha-as, todavia parecendo sempre não ser afetado por elas: nada em si muda, ele é sempre o mesmo, é sempre igual a si mesmo, qualquer que seja o tempo ou o lugar, pois foi moldado por um tempo em que brincava com os miúdos das cubatas, em que pensava que eram todos iguais. Só mais tarde percebe que havia racismo e que os outros viam o mundo de modo diferente do seu. O que se torna por demais evidente é a perspetiva que a personagem tem da (sua) identidade, que funciona como “identidade humana” (cf. GILROY, 2000, p. 98), quaisquer que sejam as suas especificidades.

Paul Gilroy (2000) é de opinião que nunca falamos de identidade humana, pois o conceito de identidade é geralmente aplicado como algo particular e com limites definidos:

We are constantly informed that to share an identity is to be bonded on the most fundamental levels: national, «racial,» ethnic, regional, and local. Identity is always bounded and particular. It marks out the divisions and subsets in our social lives and helps to define the boundaries between our uneven, local attempts to make sense of the world. Nobody ever speaks of a human identity (GILROY, 2000, p. 98).

O mesmo autor refere ainda que a relação entre diferença, semelhança e alteridade são operações intrinsecamente políticas (cf. GILROY, 2000, p. 99) e eu acrescentaria que embora não intrinsecamente humanas, a humanidade tem de viver e confrontar-se com elas e pensar que a hipótese de algum dia a nossa identidade própria se definir como “humana” é certamente utópica.

O conceito de “identidade humana” não invalida que, simultaneamente, possamos falar da construção de uma identidade própria que nos define, estando, assim, de acordo com Amin Maalouf (1998) ao considerar que:

A humanidade inteira é feita apenas de casos particulares, a vida é geradora de diferenças, e, se existe “reprodução”, os resultados nunca são idênticos. Cada pessoa, sem exceção alguma, é dotada de uma identidade compósita. Bastaria colocar a si mesma algumas questões para revelar fraturas esquecidas, ramificações insuspeitadas, e para se descobrir complexa, única, insubstituível (MALOUF, 1998, p. 29).

O conceito de “identidade compósita” de Maalouf diz respeito à multiplicidade de especificidades que nos define e não é estático: pelo contrário, ao longo da nossa existência, cada um dos elementos que nos compõe pode ter mais ou menos importância, e outros fatores podem juntar-se, outros quase desaparecer, o que não quer dizer que, perante outros, não sejamos vistos como pertencendo a este ou aquele grupo, com o qual até podemos não nos identificar.

É com este tipo de mentalidade dos outros, que por força querem que Júlio, por ser branco, se comporte de acordo com as regras do grupo a que supostamente pertence, que Júlio, desde muito novo, se confronta e não consegue compreender. Filho de um português de Trás-os-Montes e de uma huilana branca, cresce a brincar na rua com os “miúdos das cubatas” (PEPETELA, 2009, p. 13) que sabiam muitas coisas, embora não fossem à escola, situação criticada por Olga, a irmã mais velha, que lhe explica que devia brincar com os colegas da escola e não com os outros “porque eles são pretos e nós brancos”

(PEPETELA, 2009, p. 14). Mas Júlio só sabia que “o valor da pele é o seu calor” (PEPETELA, 2009, p. 14) e continuou a brincar com os mesmos amigos, constatando que não havia por ali outros miúdos, no entanto

não gostava deles por isso. Gostava por serem meus amigos verdadeiros, me lembro deles quando era muito pequeno e crescemos juntos. Tinha outros amigos, alguns companheiros da escola. Brancos, quase todos. Um ou outro mestiço. Não me lembro de nenhum negro na escola. Mas devia haver, pois se dizia que Salazar construiu uma Angola multirracial. Bem, nessa altura nem percebia ideias nem palavras tão complicadas. [...] Na época éramos todos iguais, julgava eu (PEPETELA, 2009, p. 14-15).

Mesmo com os conselhos da irmã e a admoestação dos homens de chapéu cinzento que o acusam “de ser amigo dos pretos” (PEPETELA, 2009, p. 23), não muda de opinião ou atitude, embora não perceba porque não pode ser “amigo dos pretos” se eles devem ser amigos dos brancos e não compreende, também, porque não os escolheu para amigos pela sua cor, mas porque eram amigos. Júlio é, assim, modelado pelas suas referências de amizade, mais que pela família, neste caso a irmã, pois os pais não se manifestavam e consideravam-no um bom filho (cf. PEPETELA, 2009, p. 22). Segundo Maalouf somos feitos do que os que nos são mais próximos nos transmitem:

Voluntariamente ou não, os nossos modelam-nos, dão-nos forma, inculcam-nos as crenças familiares, os ritos, as atitudes, as convenções, a língua materna, e também as fraquezas, as aspirações, os preconceitos, os rancores, assim como os diversos sentimentos de pertença e de não pertença (MAALOUF, 1998, p. 35).

O sentimento de pertença de Júlio é dirigido, como referi antes, “ao Planalto, a partir da Chela” (PEPETELA, 2009, p. 190), aos amigos que nunca esqueceu e com os quais “apesar de analfabetos e dispersos pela exigência dos empregos” conseguiam “estar juntos a conversar ou a comer fruta” (PEPETELA, 2009, p. 22). Branco e de olhos azuis, não deixa de ser africano, mas este facto, óbvio para ele, não foi sempre assim tão óbvio para os outros que insistem em vê-lo sempre como um ser estranho que parece não pertencer ao que sente como sua pertença. E é a vida que lhe vai ensinar a perceber o modo como os outros veem a diferença e como essa diferença pode reverter a favor deles, afirmando que “o homem só gosta da diferença, sobretudo a que o favorece” (PEPETELA, 2009, p. 24). E quando não há outro tipo de argumentos, e está em causa a superioridade racial, é a diferença genética que é evocada, que, segundo Hall é “o último refúgio das ideologias racistas” e “não pode

ser usada para distinguir um povo do outro”, na medida em que “a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica” (HALL, 2001, p. 62-63), ou seja, é usada com argumento de poder e de autoridade, mas sem qualquer valor argumentativo intrínseco, facto que Júlio desde cedo compreende, mesmo que o não saiba explicar.

Da ingenuidade à aprendizagem da desigualdade e do racismo existentes, em Angola e no mundo, Júlio adquire conhecimento da percepção do olhar do outro sobre si e sobre os outros. Este processo de aprendizagem do protagonista pode fazer-nos encarar a narrativa como um romance de formação ou de aprendizagem da diferença. Nas palavras de Luiz Veiga: “Um outro modo ainda de olhar para a obra seria considerando-a como o romance de aprendizagem de Júlio Pereira. Aprendizagem sobre o racismo, na infância e adolescência, em Angola” (VEIGA, 2010).

Aprendizagem sobre o racismo, mas sobretudo sobre a diferença que este implica e que não passa apenas pela distinção na cor da pele, como lhe explica Jean-Michel “há racismo, e o racismo nem sempre é de branco contra negro, ou de negro contra branco., há entre todos os grupos. E o marxismo não extirpou esse cancro, meu irmão, podes crer” (PEPETELA, 2009, p. 68).

No período colonial que marca a parte inicial do romance, é muito evidente o racismo da sociedade, explicitado, por exemplo, pelo racismo de Olga, irmã do narrador, da escola, onde não havia negros, da prostituta negra que só aceita brancos e dos homens de chapéu cinzento, que o acusam de ser bolchevique por ter amigos negros, e dos colonialistas que, no início da revolta, em 1961, assassinam Job por ter “pose de terrorista” (PEPETELA, 2009, p. 28). O crime fica impune, uma vez que os negros eram subalternizados e privados dos direitos mais básicos. É o professor de Filosofia goês que explica a Júlio que os “colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra” (PEPETELA, 2009, p. 28). Eram indígenas primeiro e só depois pessoas, como explica Isabel Castro Henriques (2004):

Para tornar mais eficaz o sistema, os portugueses criam e banalizam o “indígena”, termo que não deve ser interpretado na sua origem e função filológica, mas como termo a empurrar os africanos para uma subcategoria social e racial. O “indígena” é o não-Outro, que não tem nenhum direito, senão o da obediência voluntária (HENRIQUES, 2004, p. 29).

E Job não era obediente como João e como o pai, Kanina, aconselhava, por isso acaba morto, por não aceitar submissões e por não ser branco, como Júlio, a quem algumas rebeliões eram permitidas, apenas por ser branco, mesmo mapundeiro.

Já em Portugal, Júlio adapta-se e integra-se num grupo de amigos “que tinham estudado no mesmo liceu do Lubango e outros, os de Luanda. Um moçambicano e um cabo-verdiano pelo meio” (PEPETELA, 2009, p. 30). Assim, em Portugal, recupera África na relação com os pares e África continuará a moldar a sua identidade e a escolha daqueles com quem se relaciona, o que nem sempre é claro para os outros, pois a africanidade não muda a cor da pele e Júlio não podia deixar de ser branco. Quando vai estudar para a Rússia, ele, que queria sobretudo passar despercebido, acaba por ser alvo de curiosidade, exatamente devido à cor da sua pele, e acaba, mais uma vez, por se associar a estudantes africanos:

Despertava curiosidade. Desconfiança, nalguns casos. Um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência? Então não eram os brancos que colonizavam Angola? Curiosamente os primeiros a me estenderem a mão foram africanos. Um senegalês, um tanzaniano e um congolês (PEPETELA, 2009, p. 36).

Por ser branco, colocam-no, na residência de estudantes, num quarto com um polaco que lhe desagradava por nunca o olhar de frente e pelo cheiro desagradável a cebola. No agrupamento dos estudantes estrangeiros, o critério foi a associação por cor da pele, considerando que é africano quem tem a pele escura. Ou seja, foi aplicado um conceito racializado de cultura, implicando que a representação do africano, para os russos, tinha por base a cor da pele e era esta que ditava as possíveis afinidades. Ora, os outros três africanos, descontentes também como os respetivos colegas de quarto, decidem propor uma troca de quartos, o que acabam por conseguir, sugerindo Jean-Michel, o congolês, que ele e Júlio partilhassem o quarto, pois os outros dois africanos eram muçulmanos e levantavam-se muito cedo para se porem “de rabo para o ar e rezar ladainhas” (PEPETELA, 2009, p. 38).

Embora num grupo de amigos africanos, acaba por se aproximar de Sarangerel, estudante mongol, e esta proximidade dá azo a uma relação de amor e a uma gravidez inesperada que acabaria por levar a uma separação abrupta e quase definitiva entre Júlio e Sarangerel. Foi uma separação por razões políticas e racistas, “por um ter olhos castanhos e o outro azuis” (PEPETELA, 2009, p. 157). Um outro africano do grupo da Rússia viria a casar com uma russa, embora com muitas dúvidas relativamente ao choque cultural que ocorreria, caso regressasse ao seu país:

Podia ele levar para o Senegal aquela mulher destinada a ter hábitos livres, fruto de uma revolução que libertara de facto a mulher, e enfiá-la numa casa onde viviam dez pessoas, e todas a controlarem os seus gestos e pensamentos? [...] E seria ele capaz de a obrigar a

casar segundo os ritos do seu povo e de outra religião? [...] Moussa não estava arrependido de ter casado, longe de lá, mas dizia, sabes como é, uma pessoa regressa à terra, cai no seio da família tradicional, as mais velhas começam a se meter entre nós, a dar palpites, a criticar os hábitos estranhos, que branca foi essa que me trouxeste, não podias esperar para arranjar uma das nossas, vais ter filhos enfeitados, nem carne, nem peixe, mulatos. (PEPETELA, 2009, p. 104)

Moussa antecipa os problemas que inevitavelmente terá de enfrentar, pois tem consciência da dificuldade que existe em olhar os que são diferentes de nós e aceitá-los como tal, sobretudo em comunidades mais fechadas, como seria a sua, por isso acabou por partir para Paris “até encontrar emprego em algum país, africano de preferência, mas sobretudo os dois se sentissem estrangeiros e portanto livres de se amarem e viverem como entendessem.” (idem). Se “é no olhar dos outros que o indivíduo encontra a confirmação de sua existência, que se sente semelhante ou diferente” (ADESKY, 2006, p. 121), então esta terá sido a melhor solução, pois sendo ambos vistos como diferentes, tornam-se semelhantes nesse aspeto e o choque cultural dilui-se.

Perspetivar o outro “evitando os obstáculos do essencialismo e dos estereótipos” (PATTERSON, 2007, p. 13) não é tarefa fácil e Júlio, tanto em Marrocos, como, mais tarde, na Argélia, percebe que ser branco é um entrave à sua participação na luta pela independência do país que é o seu. Se em Rabat se sente desiludido e humilhado por perceber que “os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida pela nação” (PEPETELA, 2009, p. 33), já na Argélia aceita de outro modo a situação:

Continuavam a existir as conhecidas “dificuldades subjetivas” para fazer os angolanos brancos participarem diretamente na guerra contra os colonialistas, pois as populações oprimidas durante séculos por brancos ou por outros a mando dos brancos não compreendiam poder existir gente da nossa cor disposta a lutar desinteressadamente pela independência. [...] Dava para compreender, apesar de injusto. Naquele tempo de definições primordiais! Por isso eu aceitava as relutâncias e não insistia demasiado, mais cedo ou mais tarde haveria um consenso sobre as nossas razões (PEPETELA, 2009, p. 109).³

³ Esta maneira de encarar a questão exposta aqui por Júlio é a do autor do romance que assume esta mesma perspetiva dos seus romances e apresenta-a como o seu ponto de vista pessoal dos factos: “De facto, houve choques. Mesmo no aspeto rático, pois os puramente nacionalistas viam, com alguma dificuldade, gente não negra ser participante do Movimento de Libertação [...]. Pouco a pouco, certas barreiras foram sendo ultrapassadas. [...] Eu achava (e penso que os meus livros demonstram isso) que havia possibilidades de concertação, como finalmente aconteceu. Foi fruto de muito trabalho conjunto, de aproximação de posições, até se perceber que o importante era conquistar a independência e, só depois, discutir o modelo social do país” (Pepetela, 2011).

E o consenso acabou por levar Júlio até Cabinda para chefiar um grupo de homens na guerra contra o colonizador. E é aqui que vai ter de fazer uma concessão à cultura ancestral africana: o olhar do outro, que nos faz sentir diferentes, pode levar a soluções drásticas, como a que Júlio enfrenta quando, em plena guerra, sente que não consegue ter a confiança dos homens que chefia:

Os homens tinham passado por cerimónias rituais para blindarem o corpo às balas inimigas. No entanto se seu comandante não estivesse blindado, de pouco lhes valeriam as suas proteções, ficavam contaminados pela fraqueza do chefe. [...] Depois de algum tempo de recolhimento e sondagens discretas, com perguntas feitas aparentemente na brincadeira, descobri só haver mesmo uma solução (PEPETELA, 2009, p. 123-124).

E a solução foi contar como também ele tinha sido blindado, num ritual levado a cabo por um especialista congolês (cf. PEPETELA, 2009, p. 124-126). A estória surtiu o efeito desejado, pois, a partir daí, os homens passaram a ter confiança nele. Orgulhoso da “bravata”, sente a falta de Sarangerel com quem gostaria de a partilhar.

A segunda concessão que nos conta vai contra os princípios que toda a vida defendeu, pois nunca se aproveitou do seu estatuto para ter privilégios, mas a hipótese de reencontrar Sarangerel fá-lo ultrapassar os escrúpulos que pudesse sentir:

até nem sentia vergonha ou timidez por ir pedir uma pequena ilegalidade, ou enfim, talvez não ilegalidade no sentido absoluto do termo, mas de qualquer modo um privilégio exorbitante ao qual já não tinha direito. Ao menos uma vez posso usufruir de amizade nas cúpulas e usufruir da organização débil da administração. Para um benefício pessoal. Dei muitos anos com o coirão na merda, também tenho esse direito. Nunca quis, quando era responsável, açambarcar terrenos de dez mil hectares ou mais, como muitos fizeram, para quintas de fim-de-semana, ou entre dois rios para explorar minas de diamantes, nunca aceitei sequer guardar um tanque blindado como recordação de guerra... Ao menos que me arranjassem uma viagem a Cuba” (PEPETELA, 2009, p. 151-152).

Africano branco e de olhos azuis, o que o fez ser visto como diferente e não de confiança absoluta para participar na luta pela independência de Angola, quando esta estava a começar, acabou por ser aceite como igual. No período pós-independência, continuou a marcar a diferença, como afirma no último excerto citado, por nunca ter enriquecido à custa da sua participação na libertação do país. No entanto, usar este meio para atingir o fim desejado não torna Júlio alguém diferente, pois ele viveu sempre a sua vida fiel a si mesmo, aos seus princípios e a Sarangerel.

O planalto e a estepe de Pepetela, romance de amor, de aprendizagem, geográfico, de um autor africano, ou romance classificado de qualquer outra maneira é, na verdade, uma narrativa universal, na medida em que apresenta valores universais humanos e nos oferece uma personagem cujo percurso é marcado pela construção de uma identidade própria que, sofrendo embora uma evolução, não deixa nunca de ser igual a si mesma e aos seus princípios.

Segundo Hall

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001, p. 13).

Mas em Júlio não parece haver fragmentação, apesar da natureza compósita da sua identidade e da evidente diferença entre o modo como a maior parte dos outros o vê e o modo como ele se define. Não parece nunca ocorrer qualquer momento de deslocação da identidade, apesar dos muitos locais por onde a personagem passa e dos grupos diferentes de pessoas com as quais se relaciona. Júlio é uma personagem idealizada, sem cisões identitárias ou outras, que nunca muda, pois é essa a sua natureza e com ela vive e morre, enfrentando todas as vicissitudes que a vida lhe traz sendo sempre ele próprio, Júlio Pereira, angolano, da Huíla, “do Planalto, a partir da Chela” (PEPETELA, 2009, p. 190), do grande Sul da sua vida.

Referências

- ADESKY, Jacques d'. Reconhecimento, igualdade, distinção e conformidade. In: *Estudos Afro-Asiáticos – Revista do CEEA*, Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, ano 28, n. 1/3, p. 117-134, jan./dez. 2006.
- CAETANO, Marcelo José. Itinerários africanos: do colonial ao pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, ano IV, v. 4, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/Dossie.artigo.6Marcelo.Jose.Caetano.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2011.
- GILROY, Paul. Identity, belonging and the critique of pure sameness. *Between camps – Nations, cultures and the allure of race*. London: Penguin Books, 2000. p. 97-133.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HENRIQUES, Isabel C. *Os pilares da diferença*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004.
- MAALOUF, Amin. [1998]. *As identidades assassinas*. Lisboa: Difel, 2009.

MATA, Inocência. *Ficção e história na obra de Pepetela: dimensão extratextual e eficácia*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

MATA, Inocência (com A.S. Santos, et al.). Inocência Mata: a essência dos caminhos que se entrecruzam. *Revista Crioula*, n. 5, 2009. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/05/Entrevista%20%20Inocencia%20Mata.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2012.

PATERSON, Janet M. Diferença e alteridade: questões de identidade e de ética no texto literário. In: FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernardette V. (Org.). *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF, 2007. p. 13-21.

PEPETELA (com C. Marques e R. Nabais). Entrevista. *Pepetela. Revista Tabu*, Lisboa: Jornal Sol, p. 42-49, 2008.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. Alfragide: D. Quixote, 2009.

PEPETELA (com C. Liberato e F. Paiva). A ideologia da escrita: Pepetela, uma entrevista. *Mulemba*, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 5, dez. 2011. Disponível em: <http://setorlitafrica.letas.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_5_11.php>. Acesso em: 30 jan. 2012.

SANTOS, Alexandra D. *Nação, guerra e utopia em Pepetela (1971-1996)*. Tese (Doutorado em Sociologia Geral) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

VEIGA, Luiz M. Aquela geração por outras terras: um romance geográfico. *Revista Crioula*, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/07/Resenha%20%20O%20planalto%20e%20a%20estepe.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2011.

Recebido: 13/01/2013
Aprovado: 05/04/2013
Contato: gatopardo@sapo.pt